

Prepare-se para o grande supermercado de vírus

De olho no futuro, Marcello Dantas antevê a era em que tais criaturas serão vias para se comercializar prazer e informação

Marcello Dantas

Por que todo mundo se interessa pelo futuro? A resposta é simples: porque é lá que nós vamos passar o resto de nossas vidas. No momento em que a ciência e a tecnologia ganharam status de religião, o futuro passou a ser o paraíso. Ele é o sentido do desejo, o sítio da mudança.

Existe um elemento que é compartilhado pelos futurólogos, sejam eles otimistas ou pessimistas. Ele não é animal, nem vegetal, nem mineral, não está necessariamente vivo nem morto, ele é o mais importante agente catalisador da cultura no fim do século XX, e certamente um grande protagonista do século XXI, ele é o vírus. Essa existência absolutamente primitiva que vem comprometer os alicerces de uma sociedade altamente sofisticada e expor sua vulnerabilidade.

Há muito tempo um conceito não ocupa de forma tão abrangente a mente humana. Há muito tempo que não existe uma influência tão intensa na criação artística como o papel simbólico do vírus. E essa tendência se projeta no futuro como uma certeza de que a ilusão de um futuro higiênico, sintético e imune não será mais do que isso, uma ilusão.

Quando me refiro ao vírus, quero dizer todo e qualquer vírus, seja ele biológico, cultural ou tecnológico. O que me interessa é a condição fundamental associada a todo vírus, a idéia de contaminação. Seja o HIV, da AIDS, que fez o mundo repensar a sexualidade, sejam os vírus de computadores, que colocaram por terra a infalibilidade das máquinas rompendo uma relação outrora de confiança, sejam os vírus da mídia e sua contaminação cultural, que aos poucos polui a diversidade em nome de uma cultura planetária, sejam os novos vírus que estão pipocando pelo mundo, fruto do contato com ecossistemas antes fechados.

O vírus é a entidade, contudo o agente essencial é o conceito amplo de contaminação, esse sim pode ser identificado por toda parte. Pode ser visto no advento de uma cultura transnacional, essencialmente planetária, resulta-

do de múltiplas contaminações entre a cultura pop internacional e identidades regionais. Uma espécie de cultura Zelig, transformista, mas com a mesma cara. Esse é o motor que puxa o carro mais interessante e inovador da cultura contemporânea, o carro da contaminação cultural e da plurietnia, o vírus cultural. Na Internet, uma das coisas que mais se proliferam são os "memes", ou replicantes, idéias que, lançadas ao léu, são construídas frutos do contato com diferentes mentes, são idéias sem autoria definida que, inspiradas nos vírus, são mutantes, auto-suficientes e altamente contagiosas. Passam de pessoa em pessoa inspirando reflexões, criando vocabulário, contaminando mentes. São o anúncio de uma nova era.

Um kit-vírus para suas férias ou para dar de presente

A natureza do vírus me leva a pensar sobre seu potencial. Imagine um ser vivo, que não precisa de alimento para se multiplicar, que se autodistribui e migra, que é capaz de ser mutante e carrega informações dentro de si, portanto possui inteligência. Ele é muito poderoso. Tão pequeno que não pode ser percebido pelos nossos sentidos, mas ao mesmo tempo tão forte que não pode ser ignorado. Imagine que esse ser pode causar uma série de sensações em quem se alojar, sensações que vão do simples espirro até os delírios e a morte. Quando a natureza criou o vírus ela estava criando o mais poderoso, eficaz e perene modelo de mídia que jamais existiu. Um instrumento de comunicação que uma vez sintetizado e codificado poderia ser usado para transmitir idéias, inteligência, sensações e emoções de forma direta, atingindo os sentidos por dentro e não por fora, uma espécie de mídia vírus.

Imagine-se comprando um vírus-filme, ou talvez um vírus-sexo, por que não um supermercado de vírus? Um lugar para se escolher o vírus ideal para si ou para mandar de presente. Ou talvez um kit de vírus para suas férias. Ou até mesmo um vírus que anulasse o verão, fazendo com que o calor se transformasse em frio no seu sistema sensorial e você até

prescindisse do ar condicionado. Um vírus-harmonia, para ser espalhado em estádios de futebol e grandes eventos para se evitar brigas. Acha estranho? Quem diria cem anos atrás que compraríamos vitaminas sintetizadas em cápsulas e aos quilos em lojinhas de bairro?

Ponte entre aldeia global e e tribo africana é o desafio

O vírus é ao mesmo tempo a ameaça e a promessa do futuro, resultado de um desenvolvimento econômico, educacional e cultural desigual, ele povoará nossas mentes no século XXI.

A ameaça é a disseminação descontrolada, fazer o mundo entrar numa nova era de trevas, onde as trocas internacionais seriam suspensas, as pessoas se recolheriam em suas casas, por trás de filtros de ar e água, fugindo da exposição à contaminação vigente por toda a parte, o consumo se faria por via digital. O isolamento diminuiria a natalidade e o mundo decresceria.

A promessa é que possamos chegar a compreender como nos comunicar através dos vírus. Os veículos mais poderosos que se têm notícia. Aí estaremos criando uma linguagem multidisciplinar, altamente sensorial capaz de superar diferenças culturais, linguísticas e sociais, uma enorme chance para a paz.

Estamos acostumados a ver o futuro como um lugar estilizado, seja pela decadência "bladerunnic" ou pela assepsia de um "2001 — Uma odisséia no espaço". Contudo enxergo que a real fronteira da experiência humana no século XXI é do corpo para dentro, está na compreensão da biologia, da nanotecnologia (criação de máquinas microscópicas para interagir biologicamente) e de como vamos fazer nossas neuroses de ordenação conviver com a mais absoluta desordem orgânica. Construir essa ponte entre a sofisticação de uma aldeia global e as vísceras de uma tribo africana é o desafio da vida no futuro. ■

MARCELLO DANTAS é artista multidisciplinar e diretor do centro de mídia Magnetoscópio. O seu endereço para correspondência na Internet é magnetoscope@ax.ibase.org.br